

**OS LABIRINTOS DA MEMÓRIA EM “ÓRFÃOS DO ELDORADO”
DE MILTON HATOUM**

Vivian de Assis Lemos¹
Diana Junkes Martha Toneto²

RESUMO: Este artigo busca analisar aspectos da obra *Órfãos do Eldorado* (2008), de Milton Hatoum, com o intuito de elucidar a construção do enredo por meio da utilização da memória que articula três planos possíveis de narrativa: a mítica, a histórico-social e a mítico-histórico pessoal. Esse processo tem como resultado a configuração de um texto marcado por dicção contemporânea, pelo rigor criativo e por certo lirismo, responsáveis pelo desenho do regionalismo revisitado que Tania Pellegrini e Alfredo Bosi atribuem ao fazer narrativo de Hatoum.

PALAVRAS-CHAVE: *Órfãos do Eldorado*, memória, história, mito, lenda do Eldorado.

ABSTRACT: This article aims to analyze aspects of *Orfãos do Eldorado* (2008), by Milton Hatoum, to elucidate the plot construction by the use of memory, which articulates three narrative perspectives: the mythic, the social-historic and the mythic-social-personal. This process presents as a result a textual configuration marked by a contemporary diction, by the creative work and by a certain lyricism that allows us to say, as Tania Pellegrini and Alfredo Bosi, that there is a 'revisited' regionalism in this author work.

KEYWORDS: *Órfãos do Eldorado*, memory, history, myth, Eldorado tale.

Palavras iniciais

A fortuna crítica de Milton Hatoum aponta para o fato de o regionalismo em sua obra estar grandemente vinculado a um projeto de escritura que mantém a narrativa memorialística como cerne. Neste artigo, primeiramente, apresentamos de modo sucinto esse projeto, sublinhando o modo pelo qual o regional e o memorialístico se amalgamam na obra do autor. Em segundo lugar, apontamos alguns caminhos para a análise de *Órfãos do Eldorado*, a partir

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual Julio de Mesquita Filho - UNESP/ IBILCE, Campus de São José do Rio Preto, onde desenvolve pesquisa sobre a obra de Milton Hatoum. Bolsista CAPES. E-mail: lemos_ng@hotmail.com.

² Professora de Literatura Brasileira da Universidade Estadual Julio de Mesquita Filho - UNESP/ IBILCE, Campus de São José do Rio Preto, da graduação e pós-graduação. É pesquisadora do Grupo CASA Cadernos de Semiótica Aplicada (UNESP/ Araraquara) e do grupo Análise do Discurso e suas Interfaces (FFCLRP- USP). Publica regularmente capítulos de livros e artigos em periódicos de reconhecida política editorial, tais como: Letras de Hoje, Alfa, Revista de Letras, Itinerários, Via Atlântica, Todas as Letras, Linguagem e Ensino (Qualis A); e Signótica, Texto Poético, CASA (Qualis B), entre outras publicações na área. E-mail: dtoneto@ibilce.unes.br.

de excertos dessa obra, destacando a importância da articulação de três níveis de narrativa memorialística que nela se manifestam, a mítica, a histórica e a que chamamos aqui de mítico-histórica-pessoal, já que esta se engendra pela tensão entre os mitos pessoais do protagonista, pela relação entre sua história pessoal e a história de sua cidade e pela rememoração de seu passado familiar.

1. “Eu sou donde eu nasci. Sou de outros lugares”: Milton Hatoum e a universalização do regionalismo

Em 1989, o escritor amazonense Milton Hatoum desponta no cenário da literatura brasileira contemporânea com sua obra *Relato de um certo oriente*. Com essa obra, dá início a uma série talvez modesta em número, mas grandiosa na densidade de suas narrativas, que primam por uma linguagem minuciosamente trabalhada, fato esse que fez com que fosse muito bem aceita pela crítica especializada. *Relato de um certo oriente*, um de seus romances mais conhecidos, narra a história do retorno de uma mulher ao lugar onde passou a infância (Manaus), para preencher as lacunas da memória, cujos lapsos recobrem, em certo tom de mistério, dramas e tragédias. A narração desse romance completa-se, ainda, pela mistura de vozes rememorativas de outros narradores-personagens.

Mais de uma década depois, em 2000, Hatoum lança seu segundo romance, *Dois Irmãos*, escolhido em 2005 como a melhor prosa ficcional brasileira dos últimos quinze anos. Manaus é novamente o cenário para outra narrativa sobre um drama familiar. Dessa vez, este gira em torno dos irmãos gêmeos e inimigos Yaqub e Omar. O relato é conduzido por Nael, filho de uma empregada da família, que busca descobrir, pelo entretecer memorialístico, qual dos dois irmãos é seu pai. O conflito entre os gêmeos fisicamente iguais e moralmente diferentes nessa obra tem sido explorado não só levando-se em consideração a história bíblica de Caim e Abel, como também a trama machadiana presente em Esaú e Jacó.

Cinzas do Norte, terceiro romance de Hatoum, publicado em 2005, impõe o desafio da compreensão da revolta que movimenta e mobiliza o personagem Raimundo. Mais uma vez, o drama familiar é colocado em questão e mais uma vez a narrativa é alocada na região amazônica, articulando tanto memória quanto novas perspectivas de abordagem do regional. Assim como os livros anteriores, *Cinzas do Norte* é aplaudido pela crítica e recebe inúmeros prêmios, dentre eles, um prêmio Jabuti, na categoria de livro do ano de ficção.

Em 2008, Hatoum publica *Órfãos do Eldorado*. A história de produção deste trabalho chama a atenção porque ele foi feito sob encomenda para compor a coleção “Myths” da editora escocesa Canongate, cujo projeto, de cunho internacional, era o de publicar mitos antigos reescritos e reinventados por autores contemporâneos de vários países. Interessante notar aqui que mesmo nesta situação, em que vários mitos poderiam ser evocados para atender a demanda da editora, é sobre a Amazônia que recaem as escolhas de Hatoum, como se, em analogia aos próprios protagonistas que cria, o autor não escapasse às ‘determinações’ de sua história, responsável, claro, pela articulação de uma ‘mitologia pessoal’ que orbita em torno da terra manauara.

Ao contrário dos demais trabalhos, porém, *Órfãos do Eldorado* deveria obedecer rigorosamente aos critérios de extensão estabelecidos – 107 páginas³. Sobre a pouca extensão desse trabalho, Hatoum declara em entrevista ao Correio Braziliense:

Tentei falar de muitas coisas em cem páginas. O projeto inicial era um romance longo e complicado, mas isso não cabia na “Coleção Mitos” da editora escocesa. Então pudei os galhos e a folhagem espessa da árvore, e fiz da seringueira uma palmeira quase nua. (HATOUM, 2009).

A palmeira quase nua pode ter perdido as folhas e os galhos espessos, mas conservou sua força atávica, ligada inexoravelmente à Amazônia, que aparece na obra com toda a sua riqueza histórica e mítica ressaltadas. Nessa obra, como nas anteriores, Hatoum foge deliberadamente do tratamento pitoresco que poderia ser dado à região, Manaus, sem, entretanto, deixar de marcar sua singularidade e atmosfera peculiar, pelas especificidades que a floresta, as lendas indígenas e a própria ocupação do lugar pelos colonizadores e imigrantes impõem a qualquer relato que se ancore nessa região. Manaus é retratada em *Órfãos do Eldorado* com riqueza, situando-se como espaço de articulação do passado e do presente, do mito e de sua revisão, abarcando também um longo período de tempo que é apresentado, em *flashes*, pelos estilhaços da memória do protagonista, como se verá mais adiante. Portanto, ao histórico é dada uma força crítica e engajada e ao mítico um tratamento restaurador de um componente primevo que funda a memória coletiva da região amazônica: a da cidade encantada.

³ Conforme levantamento feito no site de Hatoum (www.miltonhatoum.com.br) em entrevista intitulada “Plenamente selvagem”, concedida ao jornalista Carlos Marcelo, do Correio Braziliense. Nessa entrevista, o autor fala sobre a feitura de *Órfãos do Eldorado* e chama atenção para a complexidade de tratar de vários temas em uma obra que deveria ser curta.

Além da memória, a ambientação das histórias na região amazônica, sobretudo Manaus, promove uma reproposição de perspectivas desse distante Brasil. Como salienta Bosi (1994), Hatoum conseguiu mostrar que da Amazônia podem vir mais do que episódios de seringueiros ou de índios massacrados: “há lugar também para outros espaços e tempos e, portanto, para diversos registros narrativos como os que derivam de sondagens no fluxo de consciência.” (BOSI, 1994, p. 437). Tânia Pellegrini (2004; 2008), por sua vez, aponta para o fato de o regionalismo ser a base da obra de Hatoum, e sublinha que se trata de um regionalismo revisitado, com “evidente qualidade estética” (2004, p.135) e que por não ter a intenção de exaltar o pitoresco das características daquela região amazônica e muito menos tratar o homem como elemento exótico que deve ser dado a conhecer, o autor transforma sua obra em um “instrumento de descoberta do país” (2004, p.135).

Assim, o regionalismo em Hatoum, como aponta Tânia Pellegrini, possui uma dimensão particular. Não se trata aqui de um regionalismo apenas como uma categoria literária ou mero pano de fundo para a história, mas sim de um regionalismo que se estabelece sobre a memória, responsável pela carga afetiva que é dinamizada pela observação: “A memória, nesse sentido, tanto pode ser entendida como a do autor, que revisita ficcionalmente a Amazônia de sua infância, quanto a dos narradores, que buscam por meio de um relato, os traços perdidos de sua identidade” (PELLEGRINI, 2004, p. 134), em sua cidade encantada.

A “cidade encantada” do autor, a Manaus de sua infância, acompanha-o em sua produção literária (SCHØLLHAMMER, 2009). A consciência desse laço definitivo entre pessoa e cidade, ou seja, entre a pessoa e sua origem, existe tanto no autor que afirma em inúmeras entrevistas que Manaus está sempre com ele, quanto no protagonista de *Órfãos do Eldorado* e, de um modo geral, nos protagonistas dos demais livros e surgindo neles, sobretudo, por um trabalho ativo de reconstrução/evocação memorialística, que pode ser considerado invariante na obra de Hatoum, como bem aponta Benedito Nunes (2009). É nesse sentido que se pode tomar a “clave rememorativa” dos romances de Hatoum (NUNES, 2009.) como pedra angular para a compreensão do modo pelo qual o autor assume sua origem, imprimindo-a em seus personagens e, de outro modo, administra-a eficazmente, libertando-a de um tratamento calcado em uma dicção regionalista que poderia estar restrita apenas à valoração do caráter pitoresco do lugar.

Assim, escolhendo um *paideuma*⁴ amplo e repleto de referências de grandes autores, misturando-o à sua vivência cosmopolita, Hatoum revisita o regionalismo da literatura brasileira dando-lhe uma esfera universal – dos confins da terra inóspita rodeada pela floresta para os confins das almas dos protagonistas que pela reconstrução do passado buscam a compreensão de sua subjetividade e do sentido de sua existência.

Sem abrir mão do caráter histórico que retrata a ocupação dessa região com os problemas e entraves impostos não apenas pela distância dos grandes centros e pela oscilação do ciclo da borracha, Hatoum impõe às suas narrativas uma tensão que obriga o afastamento do leitor dessa mesma história para um mergulho nas profundezas de sujeitos divididos pela tragicidade de suas escolhas, pela responsabilidade que possuem pelos seus atos, pela sua errância, enfim. Essa tensão promove um grande desafio para a crítica que deve se haver, então, com a ancoragem regional e, simultaneamente, com o afastamento dessa ancoragem, para navegar nos oceanos profundos em que a memória dos protagonistas mergulha. A narrativa hatouniana se estabelece, portanto, nesses oceanos obscuros, ou ainda, nos subterrâneos da alma que recuperam Dostoievsky e, sobretudo, na tradição da literatura brasileira, a leitura que Machado de Assis e Graciliano Ramos fazem desse autor (MEYER, 2007; CANDIDO, 2004).

A leitura da obra de Hatoum não deixa de ter um aspecto de projeto de viagem, segundo o qual o leitor explora a Amazônia e sua história e recolhe os escolhos do naufrágio memorialístico de que as personagens são vítimas, já que tentam recobrar o fôlego de sua existência, em meio ao mar revolto de vidas intensamente marcadas pela tragédia e pelo desencontro, pela memória possível – não aquela que lhes devolve o passado, mas aquela que, em termos benjaminianos, permite-lhes olhá-lo como algo que relampeja e que pode se resgatado e reelaborado (BENJAMIN, 1996; LÖWY, 2007). Desse modo, analogamente ao naufrago que se apoia no resquício do que foi o navio que boia sobre a água, os protagonistas de Hatoum, embora radicalmente e inexoravelmente ancorados na terra manauara, apoiam-se nos resquícios de seu passado, barco partido e à deriva, para tentar seguir adiante.

Não é por acaso que Hatoum escolhe o poema *A cidade* (1910), do poeta egípcio, de origem grega, Konstantinos Kaváfis, para ser a epígrafe ao livro *Órfãos do Eldorado*

⁴ Ezra Pound propunha uma renovação da tradição, *make it new*, a partir da construção de um *paideuma*. Segundo escreveu em seu ABC da Literatura, traduzido pelos irmãos Campos e Decio Pignatari, *paideuma* é: “a ordenação do conhecimento de modo que o próximo homem (ou geração) possa achar, o mais rapidamente possível, a parte viva dele e gastar um mínimo de tempo com itens obsoletos”. (POUND, 1970, p. 161).

(KAVÁFIS, 1910, *apud* HATOUM, 2008). Versos como: “A cidade irá contigo./Sempre chegarás a esta cidade. Não esperes ir a outro lugar.” refletem com primor a importância da cidade não só para o enredo desse livro, mas para os outros romances e também para a própria vida de Milton Hatoum, cujo projeto de escritura, marcado pela confluência do regional e do universal, pode ser resumido por outra epígrafe, dessa vez de *Cinzas do Norte*: “Eu sou donde eu nasci. Sou de outros lugares”. (ROSA, 1979, *apud* HATOUM, 2005).

Tomando como foco *Órfãos do Eldorado* destacaremos, a seguir, alguns aspectos relativos à articulação da memória mítica e histórica da Amazônia, em especial como ela surge para os habitantes de Manaus, à memória pessoal do protagonista, para elucidar, justamente, o que se discutiu até aqui.

2. O relato da memória para salvar a vida da noite em que mergulha

O enredo de *Órfãos do Eldorado* diz, basicamente, respeito à história de Arminto Cordovil, filho de um empresário rico do ramo da navegação e transporte de borracha no Amazonas. Ele relata a um interlocutor desconhecido a história de sua vida; história essa marcada por inúmeros dramas: a relação conturbada com o pai, Amando, que o culpa pela morte da mãe; a relação ambígua com a empregada Florita, que é quem o cria; o amor e a busca pela misteriosa Dinaura; a falência da empresa após a morte do pai. Tudo isso envolvido pelo elemento mítico de uma lenda local, a do Eldorado, a cidade encantada e submersa em um dos rios da região.

Assim como nas obras anteriores de Hatoum, como sublinhamos na primeira parte deste artigo, vemos que em *Órfãos do Eldorado* o caráter rememorativo da experiência não só abastece todo o texto, mas também é responsável por articular três planos de leitura possíveis, vinculados a três esferas narrativas: a mítica, a histórico-social e a mítico-histórico-pessoal. Estamos diante de uma viagem pelo labirinto da memória, fato confirmado pelo próprio protagonista que afirma contar “[...] o que a memória alcança, com paciência.” (HATOUM, 2008, p. 15) Dessa forma, podemos nos apoiar em Benedito Nunes para defender que:

[...] estamos numa vertente rememorativa, proustiniana, em que o tempo redescobre o real, redime e purifica a experiência humana. [...] Nessa função proustiniana, descobridora do real, o tempo descobre-se a si mesmo, descobrindo o homem que nele se reencontra. (NUNES, 2009, p. 301-302)

A rememoração, portanto, é a responsável por aclarar os acontecimentos passados e proporcionar ao indivíduo que rememora a elaboração desses acontecimentos que haviam ficado incompreendidos. Quando esse mergulho na memória acontece, o real viaja do tempo passado ao tempo presente e o homem se reencontra com o que viveu, sem as distorções e as conturbações que no momento dos acontecimentos existiam. Ainda no tocante à memória, partilhamos, para a leitura de *Órfãos do Eldorado*, das colocações de Walter Benjamin (1985), ao considerar a memória como uma “força salvadora”, que resgata o que se podia considerar perdido. Isso se explicita quando Benjamin analisa a obra de Proust salientando a questão da memória que dela pode ser depreendida:

Sabemos que Proust não descreveu em sua obra uma vida como ela de fato foi, e sim uma vida lembrada por quem a viveu. Porém, esse comentário ainda é difuso, e demasiadamente grosseiro. Pois o importante, para o autor que rememora, não é o que ele viveu, mas o tecido de sua rememoração, o trabalho de Penélope da reminiscência. (BENJAMIN, 1985, p. 37).

Inferimos, assim, que as reminiscências são trabalhadas como uma peça de bordado, em que o agente desse coser, no caso o protagonista de *Órfãos do Eldorado*, se apropria do passado fragmentado, que “relampeja”, para utilizar, mais uma vez, o termo benjaminiano (BENJAMIN, 1996), e o converte num presente marcado pela completude que o relato confere, ainda que seja, em parte, inventado, pois o passado não pode retornar, como lembrança, em sua inteireza, quer seja pelas marcas de apagamento que o tempo impõe, quer seja pelo ocultamento resultante do recalque oriundo da traumática relação com o pai.

Relação esta marcada pela morte de sua mãe no momento de lhe dar à luz e pela expulsão de casa devido a seu obscuro envolvimento com a criada Florita que, supostamente, é também amante de seu pai: “Naquela época as lembranças apareciam devagar, que nem gotas de suor. Eu me esforçava para esquecer, mas não conseguia. [...] Hoje, as lembranças chegam com força. E são mais nítidas.” (HATOUM, 2008, p. 21). As lembranças que surgem como gotas de suor são doloridas demais e fruto de um intenso trabalho de contenção da recordação e, ao mesmo tempo, de esforço de reconstrução de memória que possa redimir o protagonista de sua maldição: ter ‘matado’ a mãe.

Dessa forma, e pelo rastro que essa memória deixa, Arminto procurará entender seus erros e sua sina misturando sua história pessoal à história de Manaus, de sua família e às lendas e mitos da região, ligando-se profundamente a terra onde nasceu. Como um Édipo castigado por ter causado a morte da mãe, o órfão de afeto perde-se no labirinto de sua

existência, cego pela libertinagem que lhe rege as ações, amaldiçoado pelo pai e impossibilitado de amar outras mulheres, já que o pai, antes dele, toma-as para si, configurando, portanto, qualquer relação com elas como um tipo de ‘incesto’: é-lhe vedado unir-se à mulher do pai. Sem poder contar com a figura materna, sem poder amar a mulher que escolhe, negando a herança paterna e as marcas de seu pai em seu próprio caráter, *Ar - minto* erra em um fosso de mentiras, como seu próprio nome deixa entrever, movido pelo desejo, ou pelo coração, que seu sobrenome lhe dá (Cordovil/ cordis), mas ressalte-se, um coração vil, vil e amargurado.

Assim, tomando em primeiro lugar o plano mítico dessa obra de Hatoum, podemos dizer que estamos diante de um romance mitogênico, pois, apoiando-nos em Benedito Nunes (2009), podemos afirmar que Hatoum não faz mito de origem, não se trata, portanto, de uma obra que gere um novo mito, pelo contrário, devido a sua função “modelar e ordenadora”, essa obra se apossa de um mito local já existente para criar uma obra de “rico travejamento mítico” (NUNES, 2009, p. 291.) Em certa medida, o projeto de resgate dos mitos da região em Hatoum afina-se com o de Raul Bopp (1994) que ao escrever *Cobra Norato* (1931) utilizou como base um dos mitos mais expressivos do folclore da região. Todavia, Milton Hatoum, ao contrário do escritor modernista, extrai da lenda do Eldorado a essência para *Órfãos do Eldorado* e vai mais além porque não tratará só da lenda, mas de sua transfiguração e de seu amálgama com a questão regional, configurando o que Tânia Pellegrini define como um “processo mental duplamente trabalhado” (2004, p.134), do qual a realidade humana é extraída da observação direta.

Para atestar essa visão, a própria lenda do Eldorado se mostra adequada, pois ela é apresentada ao protagonista, por meio de Florita. Ela traduz para Arminto as palavras de um tapuia que conta a história de uma mulher que some no rio e, em sua tradução, ressalta o fato de que ela teria ido para a cidade encantada, reforçando assim, a existência desta:

[...] Uma índia, uma das tapias da cidade, falava e apontava o rio. [...] dizia que tinha se afastado do marido porque ele vivia caçando e andando por aí, deixando-a sozinha na Aldeia. Até o dia em que foi atraída por um ser encantado. Agora ia morar com o amante, lá no fundo das águas. Queria viver num mundo melhor, sem tanto sofrimento, desgraça. [...] De repente a tapuia parou de falar e entrou na água. Os curiosos ficaram parados num encantamento. E todos viram como ela nadava com calma, na direção da ilha das Ciganas. O corpo foi sumindo no rio iluminado, aí alguém gritou: a doida vai se afogar. Os barqueiros navegaram até a ilha, mas não encontraram a mulher. Desapareceu. Nunca mais voltou. (HATOUM, 2008, p. 11-12).

Na verdade, o que ocorre é que a mulher se suicida; como Arminto era pequeno, Florita sustenta a versão lendária do desaparecimento da índia nas profundezas das águas, porém, passados os anos, ela mesma “desmente” o mito:

Ela entrou na água e, de costas para mim, disse:

Não foi isso que ela contou, não.

Mas ela falava em língua geral, e tu traduzias.

Traduzi torto, Arminto. Tudo mentira.

Mentira?

Eu ia contar para uma criança que a mulher queria morrer? Dizia que o marido e os filhos tinham morrido de febres, e que ela ia morrer no fundo do rio porque não queria mais sofrer na cidade. (HATOUM, 2008, p. 90).

Nesse momento de retorno ao que foi dito com certo tom de revelação, a realidade humana daquela região é revelada por meio do mítico e, simultaneamente, por sua desconstrução irônica – não era a cidade encantada no fundo do rio; mas a morte. O regionalismo hatouniano exerce a função de denúncia das mazelas da região, promovendo uma queda da associação da imagem do paraíso com a imagem da cidade encantada lendária. Em outras palavras, se houve, algum dia, a ideia de que o Amazonas poderia encobrir a mágica cidade de Eldorado, a ‘verdade’ que vem à tona com o relato de Florita é que não há e nunca houve cidade encantada – o grande engano de todos foi crer que era possível este lugar, mas não era: a exploração, a vida dos seringueiros, a suscetibilidade da região às crises econômicas internacionais, o lugar longínquo e esquecido invertem a lenda e ironicamente afirmam um destino macabro e triste: a cidade é feita de mazelas; mazelas que ressoam também no coração de Cordovil.

Essa desconstrução da lenda tem várias implicações em todo o enredo, porém cabe aqui destacar uma. Em determinado momento de sua vida adulta, Arminto apaixonou-se por Dinaura, uma moça com quem supostamente seu pai mantém relações. Depois de uma fogosa noite de amor, os jovens se separam e Dinaura nunca mais é vista. Arminto imediatamente associa o seu desaparecimento à história ouvida na infância, da moça que mergulha em busca da cidade encantada.

Assim, o mito atua como um bálsamo, uma fonte de esperança, já que “há um momento em que as histórias fazem parte da nossa vida” (HATOUM, 2008, p. 13). Logo, essas “histórias” são os mitos contados ao narrador na sua infância e que o acompanham por toda a vida, principalmente durante a sua busca por Dinaura:

Jurou que Dinaura estava viva, mas não no nosso mundo. Morava na cidade encantada, com regalias de rainha, mas era uma mulher infeliz. [...] Dinaura

foi atraída por um ser encantado, diziam. Era cativa de um desses bichos terríveis que atraem mulheres para o fundo das águas. E descreviam o lugar onde ela morava: uma cidade que brilhava de tanto ouro e luz, com ruas e praças bonitas. A Cidade Encantada era uma lenda antiga, a mesma que eu tinha escutado na infância. Surgia na mente de quase todo mundo, como se a felicidade e a justiça estivessem escondidas num lugar encantado. (HATOUM, 2008, p. 64)

Ao constatar, porém, que tudo não passa de uma ilusão, reconhece que Dinaura fugiu dele, escondeu-se. Tendo em vista o estudo de Constança Marcondes César (1988), podemos dizer que a narrativa mítica faz o homem conhecer a si mesmo na medida em que lhe revela o sentido de sua história. É, portanto, a refiguração do tempo promovida pela narrativa mítica que lhe revela os sentidos, pois é a partir de suas lembranças que o protagonista resgata os mitos ouvidos quando criança e os mantém latentes ao longo de sua vida, trazendo-os de volta em momentos em que sua existência parece se confundir com essas histórias míticas.

No porto de Vila Bela, alguém espalhou que a órfã era uma cobra sucuri que ia me devorar e depois me arrastar para uma cidade no fundo do rio. E que eu devia quebrar o encanto antes de ser transformado numa criatura diabólica. Como Dinaura não falava com ninguém, surgiram rumores de que as pessoas caladas eram enfeitiçadas por Jurupari, deus do Mal. (HATOUM, 2008, p. 35).

Considerando essas afirmações, somos levados a pensar sobre o motivo que levaria alguém a contar a sua história, principalmente se essa é uma história de vida dramática. Pautando-nos nas palavras de Constança Marcondes César (1988), entendemos que o mito seria o “caminho para restauração da plenitude existencial, o mito busca uma totalidade de sentido que se mostra sob a forma de drama, traduzido nos temas da queda, exílio da alma, existência trágica.”. (CESAR, 1988, p. 42) Dessa forma, ao relatar a sua história a um passante desconhecido, Arminto estaria buscando recordar esta história a fim de preencher as lacunas e compreender os acontecimentos de sua vida.

Por outro lado, e como ressaltamos anteriormente, a questão da memória em *Órfãos do Eldorado* está intimamente ligada à questão da ambientação da narrativa, e ambas funcionam como a válvula propulsora da narração da história de Arminto por ele mesmo, o que nos mostra que memória e narração se relacionam de maneira indissociável com o espaço da narrativa:

Quando olho o Amazonas a memória dispara, uma voz sai da minha boca e só paro de falar na hora que a ave graúda canta. Macacauá vai aparecer mais tarde, penas cinzentas, cor do céu quando escurece. Canta, dando adeus à

clareza. Aí fico calado, e deixo a noite entrar na vida. (HATOUM, 2008, p. 14).

Se o tom melancólico deixa a noite entrar na vida, os dados históricos emprestam vivacidade documental ao texto e mostram que, para Arminto, torna-se impossível apartar sua vida e sua trajetória das lendas que envolvem a região, bem como da história oficial da região; por isso defendemos a articulação dessas três esferas narrativa. No que concerne especificamente à história, *Órfãos do Eldorado* se passa em um período que contempla fatos históricos como a Cabanagem e o Ciclo da Borracha (FURTADO, 1998) vindo até os nossos dias. É possível notar que o plano histórico-social ganha destaque por passagens como:

[...] Antes disso, alguma coisa perturbou a cidade. O movimento portuário diminuiu. Não era a guerra na Europa, a Primeira Guerra. Ainda não. Eu via as pessoas irritadas, revoltadas. Tudo parecia absurdo e violento. Em pouco tempo o humor de Manaus se alterou. Li nos jornais um desabafo do meu pai: reclamava dos impostos absurdos, do valor das taxas alfandegárias, do péssimo funcionamento do porto, da balbúrdia na nossa política. (HATOUM, 2008, p. 23).

A situação da região impõe deslocamentos e atitudes ao protagonista, ao mesmo tempo, mergulhado em seu drama pessoal, sente que a história passa por ele, sem que possa nela intervir. Como os fatos de sua vida, parece que a falência da Manaus-eldorado é também determinada – historicamente determinada.

Voltemos aqui ao já citado poema de Kaváfis – a cidade está impregnada em Arminto e dele se impregna, como duas existências siamesas, ambos, cidade e sujeito, seguem sua vida, entre ironias e dissabores, sem espaços para os mitos – que se revelam como ilusão; sem espaço para o encontro amoroso – que se revela impossível; sem espaço para o resgate do passado a não ser pelo breve e fugaz instante em que Arminto conta, ao narrador a sua história, o seu relato de um certo oriente, de sua desorientada alma, Eldorado pelo avesso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. Sobre a História. In: BENJAMIN, Walter *Obras Completas*. Tradução de Jeanne- Marie Gagnebin. São Paulo: Perspectiva, 1996. p. 187-198.

BENJAMIN, Walter. A imagem de Proust. In: BENJAMIN, Walter, *Magia e técnica, arte e política*. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985, p. 36-49.

BOPP, Raul. *Cobra Norato*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1994.

- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 39. ed. São Paulo: Cultrix, 2001.
- CANDIDO, Antonio. Os bichos do subterrâneo. In: CANDIDO, Antonio *Tese Antítese*. Rio de Janeiro: Ouro sobre o Azul, 2004.
- CÉSAR, Constança Marcondes. Implicações contemporâneas do mito. In: MORAIS, Regis de. (Org.). *As razões do mito*. Campinas: Papyrus, 1988, p. 37–42.
- FURTADO, Celso. *Formação Econômica do Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- HATOUM, Milton. *Órfãos do Eldorado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- HATOUM, Milton. *Cinzas do Norte*. São Paulo. Companhia das Letras, 2005.
- HATOUM, Milton. *Dois irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- HATOUM, Milton. *Relato de um certo Oriente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- HATOUM, Milton. Plenamente selvagem: entrevista. [sd]: *Correio Braziliense*. Entrevista concedida a Carlos Marcelo. Disponível em: <http://www.miltonhatoum.com.br/sobre-autor/noticias-entrevistas/plenamente-selvagem> Acesso em: 12 fev. de 2012.
- LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio*. Uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”. Tradução de Wanda Nogueira Caldeira Brant. São Paulo: Boitempo, 2007.
- MEYER, Augusto. O Homem Subterrâneo. In: MEYER, Augusto. *Ensaios Escolhidos*. Organização e Introdução de Alberto da Costa e Silva. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007, 11-22.
- NUNES, Benedito. Volta ao mito na ficção brasileira. In: NUNES, Benedito. *A chave do poético*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, 289 – 302.
- PELLEGRINI, Tânia. *Despropósitos: estudos de ficção brasileira contemporânea*. São Paulo: Annablume, 2008.
- PELLEGRINI, Tânia. Milton Hatoum e o regionalismo revisitado. *Luso-Brazilian Review*, v. 1, n. 41, 121-135, 2004.
- ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: veredas*. Rio de Janeiro: José Olympio. 1979.
- SCHØLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2009.

Artigo recebido em maio de 2012.
Artigo aceito em junho de 2012.